

Memória social, educação e o fazer pedagógico: escola – um lugar de memórias e saberes

Social memory, education and pedagogical work: school – a place of memories and knowledge

Memoria social, educación y el quehacer pedagógico: la escuela, un lugar de remembranzas y saberes

DOI: 10.54901/educa.v9-707

Irlandia da Ponte Lima¹

Irene de Souza Nunes²

Nereida Maria Santos Mafra de Benedictis³

José Ricardo Rosa dos Santos⁴

RESUMO: Este artigo cujo objetivo é apresentar a concepção da memória social e da educação, relacionando-as com o fazer pedagógico, compreende a memória como área de conhecimento que coaduna com ideias do campo educacional, pois vê a escola como lugar de memória. Trata-se de um estudo teórico, de caráter bibliográfico, pautado na pesquisa de natureza qualitativa baseada em Minayo (2016) e Flick (2009) e abordagens conceituais de autores como Ricoeur (2007); Halbwachs (2003); De Benedictis (2020); Gondar (2005) entre outros. Buscou-se, à luz desse estudo, dar relevância aos saberes docentes, por meio das experiências e das trajetórias do professor, potencializando a reflexão sobre a postura docente e seu caminhar pedagógico na formação humana dos alunos. Com base na discussão sobre a memória social e a educação, relacionou-se a categoria experiência ao processo de compreensão do ambiente educativo, por meio da rememoração. Assim, a trajetória do profissional docente, em seu lugar de memórias, promove o educando como sujeito de seu espaço de vivências, constituindo os saberes que produzem o conhecimento.

Palavras-chave: memória social; prática pedagógica; contexto social; processo de ensino-aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

A memória emerge como um instrumento relevante para a reflexão e a resignificação das práticas pedagógicas, uma vez que possibilita e norteia a atuação do educador. Essa

¹ Doutoranda em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: irlandia220474@gmail.com

² Doutoranda em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: nnunesirene@gmail.com

³ Pós-doutoranda em Memória, Ciências Sociais, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: nereidamafrabenedictis@gmail.com

⁴ Pós-doutorando em Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: ricardorosaifbaiano@gmail.com

abordagem não apenas enfatiza a relevância da memória social na formação e atuação docente, como também destaca seu potencial para iluminar trajetórias e influenciar o cotidiano escolar. Baseando-se em Paul Ricoeur (2007), a rememoração possui um caráter e uma função importante para a construção do conhecimento. Assim, compreender o ato de rememorar torna-se essencial para que o educador desenvolva uma prática pedagógica mais consciente, integrada e alinhada aos desafios contemporâneos da educação. Por essa razão, a memória se apresenta de forma relevante no contexto da educação, já que por meio das relações sociais, pode-se favorecer a aprendizagem. Assim:

É habitual conceber a memória social como a esfera por meio da qual uma sociedade representa para si mesma a articulação de seu presente com o seu passado, configurando, em consequência, o modo pelo qual os indivíduos sociais representam a si próprios, as suas produções e as relações que estabelecem com os demais. (Gondar, 2005, p. 22)

Desse modo, o ato de rememorar é entendido como a evocação das lembranças que fizeram parte de nosso passado. As memórias que fazem parte de nossa vida pessoal implicam em nossa formação docente, ao mesmo tempo em que, ganhando espaço dentro do contexto educacional, são elucidadas pelas nossas vivências profissionais. Nos últimos tempos, nota-se que a memória social tem ganhado relevância como campo do conhecimento, desse modo, entende-se que as memórias se constituem como uma ferramenta valiosa no processo de construção do fazer docente.

Considerando que para Sebe e Seawright (2020, p.25) “A democracia da palavra expressa pela memória a faz pública, de todos e em todos os planos”, estabeleceu-se para este artigo, o objetivo de apresentar a concepção da memória social e da educação, relacionando-as com o fazer pedagógico, tendo a escola como lugar de memória, compreendendo-a como área de conhecimento que coaduna com ideias do campo educacional.

Ressalta-se, portanto, que as experiências pedagógicas e os saberes docentes potencializam uma interlocução das memórias com o campo da educação. Em vista disso, a pesquisa, de cunho bibliográfico, buscou compreender como esses campos do conhecimento interferem nas vivências e podem impactar as relações do professor e aluno que são latentes no cotidiano escolar. Sendo assim, “Como o professor também se constrói na e pela prática em sala de aula, a sua identidade acaba por entrar em mutação, ressignificar-se e recompor-se continuamente, a partir da significação cultural da profissão; [...] Barros et al (2026, p. 9)”

Compreende-se que o percurso do profissional docente passa por mudanças ao longo de suas carreiras, o que afeta tanto o seu caminhar docente quanto sua vida pessoal. Nessa

perspectiva, as memórias traduzem o seu dia a dia, ao passo que influenciam as novas experiências uma vez que, “o conteúdo da narrativa é [...] uma negociação entre uma certa representação do passado e um horizonte de espera. Por essa razão a memória, portadora de uma estrutura possível de futuro, é sempre uma memória viva” (Candau, 2023, p. 89). Isso implica dizer que por serem vivas, as memórias representam bem que lembranças evocam fatos passados, preenchendo lacunas do presente.

Considera-se que as memórias evidenciam nossas lembranças enquanto docentes e que, com base nessa percepção sobre a memória no contexto da educação, as experiências vivenciadas na escola como lugar de memória, impactam a vida dos sujeitos, visto que, “[...] a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos” (Nora, 1993, p.25). Logo, buscamos como foco da pesquisa o entendimento de que as trajetórias dos profissionais docentes, dão-lhes oportunidades para evocar memórias que refletem a dinâmica da sala de aula, a partir das experiências vividas, revelando que os impactos e influências podem ocorrer ao longo da carreira de professor.

Conforme aponta Durkheim (2014, p. 118), entende-se, pois, que “seja qual for o aspecto pelo qual abordamos a educação, ela sempre se apresenta com o mesmo caráter. Sejam os fins que ela busca ou os meios que ela emprega, são sempre necessidades sociais que ela satisfaz e ideias e sentimentos coletivos que ela expressa”. Dessa forma, importa salientar que, na atual conjuntura social o profissional da docência se encontra acarretado por inúmeras cobranças no que tange a resultados mensuráveis, desconsiderando muitas vezes a formação humana como caráter primordial da educação. Considerando isto, há que se escutar mais o educador, respeitando a devida coerência indispensável entre a teoria e a prática.

Nesse sentido, nota-se que na perspectiva da memória social, considera-se o papel tanto da escola quanto do professor, ecoando nas instituições educativas, como também sobre as políticas, conservando a transformação social. Por isso, vale salientar que, segundo De Benedictis *et al* (2026, p. 3) “[...] o debate sobre quais memórias são ressaltadas, silenciadas que podem revelar a disputa pelo poder e influência sobre a formação de novas narrativas”

Observa-se que em muitos casos, aquele que escolhe estudar licenciatura, muitas vezes chega à universidade movido pelo sonho de mudar a realidade educacional, ainda que seja aquela do seu lugar de origem. Ao longo do curso se depara com discursos provocativos, com ideias e ideais revolucionários que tocam a alma de um mais novo propenso educador. E anos se passam enquanto se prepara e se forma humanamente no intuito de desempenhar sua função de professor na mesma perspectiva holística, ou seja, educar os estudantes na sua integralidade. Porém, não é o que vem ocorrendo nas escolas nos últimos anos, cujo interesse e foco da

educação têm sido cada vez mais individualizar o estudante do educador, ou seja, não são vistos como pessoas de relações, mas cumpridores de metas, não importa a que custo.

Ressalta-se ainda que, apesar dos investimentos destinados à educação, o cenário se apresenta como um cenário de jovens educadores que se deparam com um contexto bem diferente do que os elucidados no decorrer do curso. Por conseguinte, como última estratégia optam por improvisar lançando mão de todo e qualquer comando próprio, testado ou não, mas que ao menos provocam reações no público: boas ou más? Só os verdadeiros atores da educação sabem avaliar.

O professor tem perdido sua autonomia em sala de aula, aliás, subtraindo-lhe direito de administrar o processo que literalmente ocorre mediante condução do docente, dentro ou fora da escola, entre outros fatores, destaca-se o fazer meramente burocrático. Portanto, ao longo de sua trajetória, as memórias dos docentes, do seu tempo formativo, se configuram como lembranças, sem, contudo, apresentarem-se como algo palpável ou visível, e isso os tem frustrado. Como estabelece Agostinho de Hipona (2017, p.167), “A memória contém também os princípios e as leis inumeráveis dos números e das medidas, e nenhum deles foi impresso por sentidos corporais, porque não têm cor nem som, não cheiram, não têm sabor e não são palpáveis”. Importa dizer, que as memórias reforçam a ideia de que o trabalho docente é carregado de subjetividade e, portanto, essas memórias marcam a profissão.

Nota-se que a profissão do docente é atravessada por aquilo que o profissional presenciou enquanto sujeito social. Compreendendo ainda que a formação de professor é constante e inacabada, e suas memórias estão inseridas no tempo e na vida cotidiana das pessoas que os cercam, o que nos mostra que sempre há algo novo para aprender, sobretudo acerca da profissão.

Por conseguinte, a memória estabelece laços de confiabilidade entre o passado e o presente por meio da oralidade, ferramenta de comunicação no trabalho docente que institui conexão entre professores e estudantes para facilitar a construção do saber. Logo, trata-se de uma relação de percepção do contexto, das minúcias desse lugar, mudando de acordo com cada contexto histórico, pois, como eterno aprendiz, o professor lida com diversos sujeitos, suas realidades e vivências peculiares.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Discussão sobre a Educação e a Memória: Dois Campos do Saber e a Relação entre Si

A escola exerce de modo geral muita influência na formação da criança e em sua inserção no contexto social. Essas implicações são importantes para que os sujeitos possam viver em sociedade de forma colaborativa e de acordo os preceitos por ela estabelecidos. Desse modo: “A sociedade só pode viver se existir uma homogeneidade suficiente entre seus membros; a educação perpetua e fortalece esta homogeneidade gravando previamente na alma da criança as semelhanças essenciais exigidas pela vida coletiva” (Durkheim, 2014, p. 53). O autor adverte que há uma necessidade social que faz parte da construção do sujeito. Como afirma Charlot:

O que é específico da educação como área de saber é o fato de ela ser uma área na qual circulam, ao mesmo tempo, conhecimentos (por vezes de origens diversas), práticas e políticas. Delimita-se assim uma primeira definição da disciplina educação ou ciências da educação: é um campo de saber fundamentalmente mestiço, em que se cruzam, se interpelam e, por vezes, se fecundam, de um lado, conhecimentos, conceitos e métodos originários de campos disciplinares múltiplos, e, de outro lado, saberes, práticas, fins éticos e políticos. (Charlot, 2006, p. 9).

Ao argumentar sobre educação, deve-se considerar que esta é uma área do conhecimento com suas especificidades enquanto ciência e muito se debate em torno dela, contudo, ainda há muito o que discutir, sobretudo, mudar os rumos de uma educação que necessita ser mais humanizada para que esta se adeque ao perfil de sujeito que está posto na sociedade. Como aborda Cambi (1999, p. 301): “Através da ciência moderna foram se constituindo, então, uma nova teoria da mente, uma nova visão do saber e uma nova imagem do mundo que imprimirão uma mudança – profunda – também no âmbito da pedagogia/educação.”

Tem-se conhecimento da importância da educação para o desenvolvimento intelectual, para a inserção no mercado de trabalho que exige maior conhecimento e, para a melhoria da prática educativa. De acordo Abrahão (2003, pp. 3/4), [...] o começo da docência é um momento significativo e marcante para o professor, pois é um período de validação, negação ou omissão das memórias construídas no percurso da vida. Nota-se a importância de se apropriar do conhecimento formativo desde o início da carreira, como forma de aprimorar o fazer docente, ou seja, experiências relevantes para consolidar o docente na profissão de professor, por isso:

Os estudos do cotidiano escolar, sob variadas inspirações, têm tido um papel interessante no campo da pesquisa em Educação. Tenta-se evidenciar o que marca presença nesse cotidiano, mostrando não só o rotineiro, mas os conflitos, as alternativas trilhadas, as simbologias criadas, as linguagens e os conflitos de lógicas, estas construídas em condições sociais díspares, longe da lógica privilegiada pelo saber escolar instituído. (Gatti, 2008, p. 8).

Entende-se que a autora destaca os aspectos inerentes ao cotidiano escolar. Segundo Nóvoa (1999), é por meio da interação com os outros que a prática do trabalho humano se torna uma aprendizagem. Ou seja, ao enfrentar os desafios diários, pautando-se na resolução de problemas e reflexão como também com o sucesso, o sujeito inserido no contexto profissional consegue aprimorar a sua postura.

Nessa mediação com o outro, cria-se uma identidade profissional docente, pois o “professor se afeiçoa num processo de socialização centrado na escola, tanto através da apropriação de competências profissionais, como pela interiorização de normas e valores que regulam a atividade e o desempenho do papel de professor” (Nóvoa, 1999, p. 162).

Portanto, fazer educação implica na discussão de ideias que estejam conectadas ao processo educacional, introduzidos na prática educativa. Salienta-se, assim, que a educação em seu viés como campo do conhecimento, deve prezar por concepções que justifiquem sua importância enquanto mecanismo de discussão de sua finalidade. Na visão de Nóvoa (1999) a teoria e a prática estão interligadas, na medida em que o movimento educativo, que também é social, caminhe de modo que enriqueça essa interligação entre prática e teoria, já que o processo da prática em si traz toda a complexidade nela envolvida. O autor ainda adverte que:

No espaço da sala de aula, na relação direta com os alunos, há também que resolver os problemas reais de confronto que os grupos organizados de adolescentes, de uma forma ou de outra, impõem ao adulto isolado e que o conhecimento da vida na instituição permite tipificar como inexperiente e por isso, provavelmente, limitado ao seu poder de decisão por receios e hesitações. (Nóvoa, 1999, p. 163).

O professor não se forma ao concluir a licenciatura, mas ao longo da sua prática docente, ou seja, somente as experiências vividas no direcionamento pedagógico é que possibilitam sua constituição de educador. Na conclusão do curso é-lhe dado um título o qual será ratificado ou refutado conforme trajetória educacional. Sobre a necessidade de entender as demandas da prática pedagógica dentro do contexto social, é preciso entender que a “A prática é sempre contextualizada, e uma receita nunca funciona. Entretanto, podemos e devemos definir técnicas a partir dos conhecimentos que a pesquisa produz e que ensinamos” (Charlot, 2006, p. 11).

Considerando a relevância da educação como saber que deve ser debatido, de acordo com suas necessidades, e que por isso se traduz como o pensar a prática educativa como função desempenhada dentro do campo social, Tardif (2014a, p. 255) destaca, “Chamamos de epistemologia da prática profissional o estudo do conjunto dos saberes utilizados realmente pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar todas as suas funções.”

Não basta cursar os semestres relativos ao curso de licenciatura, é preciso se manter em constante formação a fim de aperfeiçoar o fazer pedagógico, rever conceitos, fazer memória do vivido para atualizar a prática. Isso feito em conjunto, na coletividade dos cursos de formação continuada como os advindos da extensão universitária - porta que deve se manter sempre aberta, acessível aos agentes da escola pública, especialmente da educação básica.

Como destacam Oliveira *et al* (2026, p. 14) [...] “a crítica à burocratização do trabalho docente não se reduz à denúncia da sobrecarga administrativa, mas se amplia para uma reflexão sobre o sentido da educação em si.” Assim, a docência deve ser entendida como “uma prática formadora, criadora e ética.” Logo, ao reduzi-la em procedimentos meramente técnicos, pode trazer empobrecimento em sua ação transformadora, o que impacta em sua função social.

Schimmelpfeng *et al* (2026), apontam que a manutenção de profissionais do magistério tem sido escassa, e por esse motivo, torna-se urgente, sendo necessário que se estabeleça pesquisas e políticas públicas que possam prevenir que tal evasão docente e até mesmo o abandono da carreira tenha um reflexo menor no cenário educacional. Os autores também destacam que as demandas e expectativas desorganizadas, além das insatisfações, podem afetar de forma negativa tanto as escolas, quanto os estudantes.

É nesse sentido que ao discutir as características que permeiam a sociedade no campo da educação, há que se valorizar os aspectos que inserem na sociedade, como influências diretas em sua formação e nos anseios por ela almejados. Viver em sociedade é compartilhar experiências, saberes, angústias, alegrias, nostalgias e lembranças que são comuns aos grupos sociais. Pois, como corrobora Halbwachs:

[...] devemos nos recolher, fechar os olhos, retroceder no tempo o mais longe possível, até onde nosso pensamento consiga se fixar em cenas ou pessoas cuja lembrança conservamos. Jamais saímos do espaço [...] não voltamos a nos encontrar num espaço determinado, mas em regiões que conhecemos ou que sabemos muito bem que poderíamos localizar [...] (Halbwachs, 2003, p. 188).

Portanto, em cada espaço ocupado individualmente, pode-se dizer que existem resquícios do outro, por isso as memórias são comuns aos sujeitos pertencentes aos mesmos

grupos sociais. Por consequência disso, sabe-se que as experiências se tornam comuns aos sujeitos, como argumenta Halbwachs,

[...] diremos que a maioria dos grupos não apenas aqueles que resultam da justaposição permanente de seus membros [...], mas também muitos outros, esboçam de algum modo sua forma sobre o solo e encontram suas lembranças coletivas no contexto espacial assim definido (Halbwachs, 2003, p. 187/188).

Como destaca o autor, nossas memórias constroem a imagem do passado, sem, contudo, se deslocar no tempo ou no espaço. Desse modo, “[...] esse espaço é o lugar, a esfera social onde os sujeitos vivem e trabalham em um ambiente para além do físico. É o espaço das lutas, das diferenças, das interações, dos grupos e das relações sociais” (De Benedictis, 2020, p. 41). Essas lutas e interações uma vez evocadas como lembranças, nos fortalecem tanto como grupo social quanto individualmente nos reafirmando que somos seres relacionais e esses acontecimentos que fizeram parte do nosso cotidiano, e nos impactaram em nossas vidas, e, por isso fazem parte da construção de nossa identidade.

Medeiros (2016) enfatiza que a memória resulta da mediação, do ponto de convergência quando diferentes memórias interagem, a partir do desempenho da atividade do indivíduo e quando organiza as informações que ficaram guardadas em sua memória. Conforme a autora, “A sociologia da memória se entrelaça com estudos produzidos por outras ciências sociais, que auxiliam nos estudos dos fenômenos sociais desse campo epistêmico por seu caráter multimodal” (Medeiros, 2016, p. 56).

Os argumentos apresentados a respeito das concepções da memória constituem como uma ferramenta que clarifica o quanto esse campo do saber nos conduz a análise que corporifica nossa identidade pessoal e evidencia nossa trajetória profissional alicerçada em nossas histórias de vida. Por conseguinte, as nossas experiências refletem nossa postura profissional como docentes, ilustrando como nossas memórias podem exercer forte influência em nosso fazer docente. De acordo com Bondia (2002, p. 24) “o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos.”

Silva (2023), fomenta que vivemos momentos alienantes, mas também, de memória guardadas e aquietadas por esperança, contentamento e pelos entraves, conflitos e tensões por aqueles que agenciam a educação.

Nessa perspectiva, entende-se quão grave e perigoso tem se tornado o percurso da relação Estado – Professor enquanto categoria. O professor, que é visto como um número, deve portar-se como um ser desprovido de humano e lhe é exigida apenas a ação tal qual um robô, esquecendo-se de que o *modus operandi* com o qual é tratado também o afeta e lhe inscreve marcas, nesse caso, perniciosas. O professor fora “formado” como e para ser humanizado, portanto, é um ser de experiências.

Soares e Guimarães (2021, p. 4), destacam os estudos focados na memória não só no cenário nacional como internacional. E esses registros da memória ganham conotação de outros significados e experiências que permeiam as histórias de vida dos sujeitos, ainda que a memória manifeste elementos individuais permanentemente, ela carrega em si elementos coletivos, caracterizando-se como fenômeno social. Os autores corroboram com o entendimento da construção da imagem do sujeito e seus pares por meio da lente do passado, quando destacam: “Nesse ínterim, a identidade docente é construída a partir das relações sociais, das socializações com os sujeitos, das práticas pedagógicas, das imagens e narrativas tecidas ao longo da vida desse profissional” (Soares e Guimarães, 2021, p. 5).

Compreende-se a educação como campo do saber com ideias discutidas dentro de sua própria visão como conhecimento sistematizado, agregando outras reflexões, e por isso, dispõe dessa conexão com a memória, apresentando uma relação colaborativa entre si. Nesse contexto, Bondia (2002, p. 24) afirma que “[...] seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura.” Uma vez experienciado algo, isso se torna memória.

Nossas memórias representam bem mais que imagens, elas remetem àquilo que ouvimos, lembramos dos sabores, sentimos ou que nos afetaram de algum modo, resultados de nossas experiências. São essas experiências que agregam uma prática mais segura e eficiente, permitindo aos profissionais uma melhor defesa do exercício de sua profissão. É nesse sentido que a memória é fundamental, visto que possibilita que o profissional avalie o seu trabalho e consiga a melhor forma de conduzi-lo, tentando refletir sobre seus erros e acertos, na busca por melhores condições de tornar o seu legado humanizado. Como afirma Agostinho de Hipona (2017), na memória estão guardadas todas as nossas percepções materiais e sensações. O autor destaca que:

Descobrimos, quanto a isso, que algo de que não recebemos imagens pelos sentidos, mas que discernimos interiormente sem imagens, assim como é, por ele mesmo – aprender isso não é senão, por assim dizer, recolher aquilo que a memória já continha

espalhado e desordenado e, ao percebê-lo, prestar atenção a ele, como se aquilo que, antes disperso e esquecido, fica latente, o colocássemos ao alcance da mão da própria memória [...] (Agostinho de Hipona, 2017, pp.266/267).

Ao entender a memória como a nossa capacidade de apreender os acontecimentos do passado, o autor lembra que ela representa o nosso sentido em evocar as lembranças que se apresentam como imagens guardadas, mas que ficam à disposição da memória para serem despertadas espontaneamente quando solicitadas. É nesse sentido que as experiências representam nossas formas de apresentar as marcas deixadas pelo movimento de nossas vivências cotidianas.

2.2 A Escola Como um Lugar de Memórias, Experiências, Saberes e do Fazer Pedagógico

A escola como um lugar de memórias, experiências e saberes, significa muito mais do que mero espaço de construção de conhecimento. Ela atravessa a vida de cada sujeito que se torna impossível não a reconhecer enquanto espaço de vivências que influenciam diretamente a vida de cada um de nós. Por isso, ao rememorar as lembranças que marcaram nossas vidas como sujeitos desse espaço que acolhe, identificamos momentos marcantes de nosso passado e que influenciaram quem somos ou quem nos tornamos. Nessa ótica, é preciso compreender o papel que a escola exerce sobre nossas vidas, e por consequência, traduz nossas experiências como sujeitos de nossas próprias histórias.

Desse modo, Candau (2023, p. 85) ressalta que, “São as diferentes temporalidades próprias às sociedades consideradas que vão ter um papel fundamental nos processos identitários”, ou seja, apesar de serem coletivas as relações e por conseguinte as memórias, cada sujeito passa por seu processo de subjetivação. Como aponta Nora (1993, p.27) “Diferentemente de todos os objetos da história, os lugares de memória não têm referentes na realidade [...] eles são, eles mesmos, seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos. Sinais e estado puro.” Assim, os lugares representam a história de cada um, e por isso estão presentes em suas memórias.

Tardif (2014b, p. 550) estabelece que há características no entorno da escola que influenciam o trabalho daqueles que fazem parte do processo escolar, por essas características serem de cunho organizacional e social. Para o autor, o lugar de trabalho não se constitui apenas como um espaço físico, bem como se apresenta como espaço social, configura-se como trabalho dos docentes que têm planejamento e culmina em sua finalidade, já que é planejado formalmente falando, uma vez que é supervisionado.

As ideias do autor mostram como é estabelecida a dinâmica no contexto escolar, que se apresenta como um espaço com normas e características formais, que transmitem as relações sociais dentro deste espaço e remete ao contexto histórico. Portanto, as experiências vivenciadas na escola representam notoriamente a formação social por ela estabelecida, impactando na formação humana. Como releva Tardif:

A finalidade de uma epistemologia da prática profissional é revelar esses saberes, compreender como são integrados concretamente nas tarefas dos profissionais e como estes os incorporam, produzem, utilizam, aplicam e transformam em função dos limites e dos recursos inerentes às suas atividades de trabalho (Tardif, 2014a, p. 256).

Além da reflexão do autor, que explica a extensão da prática pedagógica, mesmo diante das inúmeras dificuldades enfrentadas no dia a dia, o fazer pedagógico está relacionado às experiências profissionais dos professores e como essas experiências influenciaram sua prática. Como estabelece Nóvoa:

Por essa razão, é possível notar que as memórias estão presentes em todo contexto escolar, deixando traços que as identifiquem nas experiências construídas ao longo do tempo, e que, por isso estão intrínsecas nas vidas profissionais docentes e dos discentes. Isso tanto revela a mudança de postura, quanto pode revelar o caráter identitário [...] (Nóvoa, 2007, p. 17).

Nota-se, portanto, que o processo de construção das identidades vai além das influências externas, isso porque por meio das memórias evocadas, os sujeitos são capazes de autenticar sua identidade, a partir do contexto em que ele vive, mas sobretudo, por aquilo que o impactou. Portanto: “As lembranças são como balizas que podem situar o indivíduo nos contextos sociais na experiência coletiva histórica” (De Benedictis, 2020, p. 52). Para a autora, as lembranças se apresentam como forma de designar os sujeitos aos grupos aos quais eles pertencem. Logo, percebe-se que as experiências docentes representam os objetivos de suas trajetórias profissionais que envolvem os sujeitos coletivamente. Em relação à memória e sua capacidade de elencar lembranças que se fixaram em nossas vidas e são evocadas no presente. Medeiros (2016, p. 51) sinaliza que “O que chamamos de “memória” é uma complexa rede de atividades, [...] constantemente selecionado.”

Reverberando o que Agostinho de Hipona (2017) destaca, tudo aquilo que foi aprendido fica guardado na memória, sendo elas falsas ou verdadeiras, ainda assim são suas memórias. Sob tal ponto de vista, a memória é construída coletivamente e perpassa pela interação do homem na sociedade. Por isso, conforme Fialho et al (2020, p. 4), “Os estudos da memória são

fundamentais para conduzir às reflexões, o que traz desdobramentos teóricos e metodológicos importantes.”

Reafirmando a necessidade de compreensão do universo que fomenta a relação professor/aluno, destacando as experiências na construção da identidade e para o desenvolvimento da aprendizagem, Candau (2023, pp. 87/88) corrobora sobre as lembranças do passado, quando salienta que, “[...] a consciência do passado não é a consciência da duração; e se nos lembramos de acontecimentos passados, não temos a memória de sua dinâmica temporal, do fluxo do tempo cuja percepção [...] é exatamente variável em função da densidade dos acontecimentos.” Por isso dizemos que memória não é recordação, mas uma rememoração, ou seja, lembramos no presente o vivido no passado como nova experiência.

Em conformidade com Tardif (2014a), a rotina estabelecida no ambiente escolar, além de ser uma forma que norteia os acontecimentos da sala de aula, pode ser entendida como um fenômeno da vida social, direcionando como os sujeitos do processo agem ao longo do tempo.

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida mediante estudos com bases teóricas da memória social, educação, experiências e saberes docentes, por meio das discussões realizadas no Grupo de Estudo Núcleo de Análise em Memória Social, Espaço e Educação (NUAMSEE). Destaca-se, portanto, que este estudo, pautou-se também nas investigações científicas que vem sendo efetivadas no percurso do doutoramento para construção de nossas produções científicas. É imperioso salientar que o intuito é trazer essas concepções para o ambiente escolar, em virtude da compreensão de que esse espaço se configura como lugar para (re)constituição de memórias e saberes.

Por essa razão, ressaltamos que como se trata de uma investigação teórico-metodológico, a pesquisa se apresenta com características de uma investigação bibliográfica, cujo tratamento é qualitativo, a fim de delinear as ideias, visões ou perspectivas que permeiam os estudos da memória social e sua relação com o campo da educação.

Portanto, este texto, metodologicamente, baseia-se na análise de algumas concepções teóricas que se articulam com as experiências que são construídas no contexto escolar. Assim, é importante compreender como os seres humanos circulam na sociedade e quais as transformações que sofrem a partir de sua interação com outros sujeitos. Conforme estabelece Gil (2024, p. 1) “O ser humano, valendo-se de suas capacidades, procura conhecer o mundo

que o rodeia. Assim, ao longo dos séculos, vem desenvolvendo sistemas mais ou menos elaborados que lhe permitem conhecer a natureza das coisas e o comportamento das pessoas.”

Entende-se a relevância da ciência para compreensão do contexto social que envolve os sujeitos. Reforçando as ideias do autor, Flick (2009, p. 23) o qual estabelece que: “A mudança social acelerada e a consequente diversificação das esferas de vida fazem com que, cada vez mais, os pesquisadores sociais enfrentem novos contextos e perspectivas sociais”. Desse modo, torna-se evidente que as relações sociais e suas mudanças constantes são primordiais para se compreender como reconhecer tais mudanças e até que ponto isso interfere na essência científica.

Dessa forma, pode-se dizer que a pesquisa assume um papel crucial nas abordagens relevantes para as mudanças sociais que se apresentam diante de nós. Desse modo, observa-se a importância do método, seja em quaisquer áreas do conhecimento, para a investigação científica levando-se em conta que ao definir o método em uma pesquisa, significa que o pesquisador estabelece todos os caminhos que devam ser percorridos para se chegar a um resultado perto do almejado. Portanto, o método designado para construção de uma pesquisa, deve possibilitar que a investigação atinja o objetivo proposto.

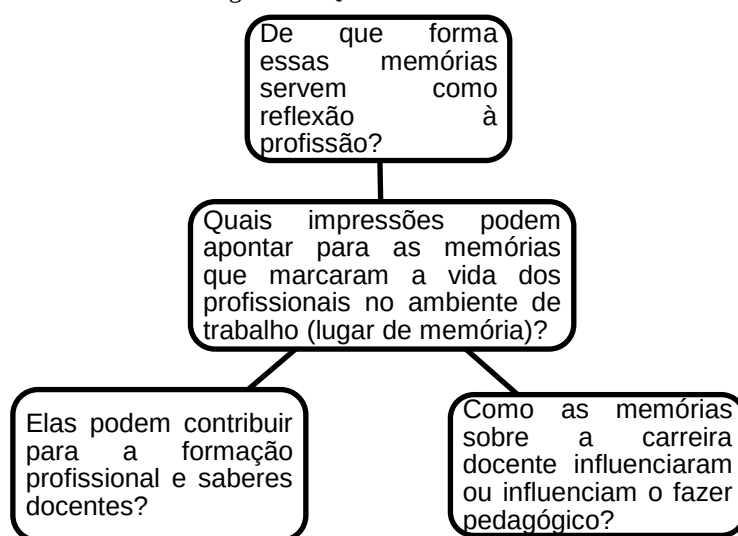
Partindo desse pressuposto, nossa investigação se apresenta como qualitativa, pois focamos em analisar diferentes abordagens teóricas a respeito das categorias que foram estabelecidas. Conforme estabelece Minayo (2016, p. 20) “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, dentro das Ciências Sociais, com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.” Segundo esclarece a autora, as pesquisas de cunho qualitativo remetem a uma análise mais profunda acerca da forma como a pesquisa se desenvolve. Nela, constam elementos que não estão explícitos, mas que podem ser notados a partir do reconhecimento da existência desses elementos identificados. Ligado ao fato de compreender que há resquícios na pesquisa que não estão visíveis, há o entendimento de que tal fato possibilita na pesquisa qualitativa, o pesquisador ter a oportunidade de entender os pormenores daquilo que não está claro.

Fazendo uso da abordagem destacada na citação anterior, é possível notar que a pesquisa qualitativa se constitui como um meio que se estabelece nas ciências, compreendendo e inferindo sobre situações que estão além do que é perceptível e mensurável. Além disso, potencializa as nuances que estão nas entrelinhas e, por isso traz uma visão detalhada das percepções do pesquisador.

Corroborando com as contribuições da memória como campo do saber, buscou-se, teoricamente, a compreensão de como os profissionais docentes estabelecem essa relação de

suas experiências à concepção de memória, sobretudo como é concebido o entendimento sobre a relação da memória com o lugar (espaço), compreendido como lugar de memória. É importante salientar que ao analisar essas categorias, questionamos como se concebe tal compreensão, da seguinte forma:

Figura 1 – Questões norteadoras



Fonte: Os autores (2026)

Estes questionamentos nos fizeram refletir sobre as experiências docentes acerca da carreira profissional e os impactos que influenciam diretamente para uma sólida base enquanto profissionais da educação. Para além dos conceitos e ideias de teóricos utilizados para balizar este estudo, torna-se necessário entender as memórias que se manifestam por meio das lembranças. Desse modo, entende-se que,

[...] nossa concepção de memória está fundamentada na compreensão de que ela se constrói e reconstrói por meio dos grupos sociais aos quais fazem parte, o entendimento sobre o espaço também é ancorado numa relação histórica, produzido pelos sujeitos por meio das relações sociais estabelecidas (De Benedictis, 2020, p. 53).

Sob a ótica da autora, a memória se constitui por acontecimentos vividos pelos sujeitos pertencentes a um dado grupo social, visto que são memórias que se estabelecem na convivência entre as pessoas que presenciaram ou participaram de um fato que fora comum aos demais, já que ela se reconstrói com base nas lembranças evocadas coletivamente. Na perspectiva de Ricoeur (1994, p. 89), “[...] agir é sempre agir “com outros: a interação pode assumir a forma da cooperação, da competição ou da luta. As contingências da interação encontram-se então com as das circunstâncias, por seu caráter de ajuda ou de adversidade.” As

vivências representam as lembranças que são comuns aos membros do grupo, por interagirem em sociedade.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

O estudo realizado, trata-se de um texto construído com base nas discussões e debates que foram realizados no grupo de Estudo e Pesquisa Núcleo de Análise em Memória Social, Espaço e Educação, e se constituem nas aulas do Mestrado e Doutorado, não se tratando de uma pesquisa empírica, e sim de um texto que se constituiu por meios de estudos teóricos. Todavia, a partir de nossas observações feitas por meio das pesquisas construídas no Mestrado, notou-se que o ambiente escolar se constitui como um espaço que reverbera a construção da identidade do sujeito que se constrói nos espaços educativos.

Nesse sentido, com base na discussão sobre a memória social e a educação, relacionou-se a categoria experiência ao processo de compreensão do ambiente educativo, por meio da rememoração. Em síntese, a trajetória do profissional docente, em seu lugar de memórias, promove o educando como sujeito de seu espaço de vivências, constituindo os saberes que produzem o conhecimento.

Portanto, salienta-se que é nestes espaços estão presentes as mais diversas realidades que configuram o espaço escolar, enquanto lugar de memórias que emergem de cada sujeito quele inserido. Transformando-se em lugares que permitem e possibilitam que os sujeitos sociais, inseridos nos contextos escolares sejam estudos conforme as características dos seus espaços de vivências e as experiências que atravessam suas vidas.

Assim, a memória reverbera-se como uma área do conhecimento que se comunica com a educação, uma vez que estas bases do conhecimento se correlacionam e se tornam veículos que se comunicam para que os sujeitos se tornem sociais, visto que os espaços educacionais devem ser organizados para possibilitar que os educandos se tornem seres que vivam em sociedade e partilhem de experiências comuns aos grupos aos quais eles são partícipes de alguma forma.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consolidando as contribuições analisadas para este estudo, verificou-se que, por meio da memória e sua relação com a educação, presentes no dia a dia escolar, que as vidas

profissionais e pessoais dos professores se interconectam, e muitas vezes não conseguem separar as duas coisas.

Dessa forma, notou-se que, o conceito de memória está intrínseco no cotidiano, e pode ser identificado como um modo de perceber a realidade em que estamos inseridos, como uma forma de evidência sobre o passado e as muitas lembranças que giram em torno dele. Observa-se também, o quanto as próprias experiências profissionais influenciam as vidas pessoais dos professores e afetam diretamente o seu fazer pedagógico.

Nesse sentido, a postura do profissional é impactada pela memória e representa aquilo que foi presenciado enquanto sujeito social, compreendendo que a formação de professor é constante e inacabada. E suas memórias podem estar inseridas no tempo, no espaço e na vida cotidiana das pessoas que os cercam, o que nos mostra que sempre há algo novo para aprender, sobretudo acerca da profissão.

Dessa forma, a memória estabelece laços de confiabilidade entre o passado e o presente. Muitas vezes é a oralidade uma das ferramentas de comunicação no trabalho docente, cuja conexão entre professores e estudantes é estabelecida para facilitar a construção do saber. Logo, trata-se de uma relação de percepção do contexto, das minúcias desse lugar, mudando de acordo com cada contexto histórico, pois, como eterno aprendiz, o professor lida com diversos sujeitos, suas realidades e vivências peculiares.

À luz das contribuições construídas nas discussões das categorias trazidas neste estudo, verificou-se que o conhecimento é um constructo, que tem dependência entre os sujeitos envolvidos e os diálogos de suas experiências vividas. Por essa razão, a partir das discussões obtidas pelo estudo, refletiu-se que a memória representa um papel ímpar para o desenvolvimento do pensamento crítico e do trabalho pedagógico, abordando questões que fizeram parte da vida dos docentes no passado, mas que estão presentes e podem possibilitar o desenvolvimento intelectual dos estudantes, fazendo uma leitura de mundo que os auxiliará no processo de construção do conhecimento e crescimento humano.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. História da Educação ASPHE/FaE UFPel, Pelota, nº 14, p. 79 – 95, set. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223/pdf>. Acesso em: 22 de mai. 2026.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. **Confissões**/tradução do latim e prefácio de Lorenzo Mammi. – 2ª ed. – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017. 13ª reimpressão.

BARROS, Josias Silvano de; MAKNAMARA, Marlécio. Identidade docente na Educação Profissional e Tecnológica: narrativas de si e subjetivações. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 11, e15570, 2026. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/e15570>. Acesso em 23 de mai. 2026.

BENEDICTIS, Nereida Maria Santos Mafra De. **Memória e geografia social de mulheres em Rio de Contas – Bahia**. Vitória da Conquista. Edições UESB, 2020.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. *Revista Brasileira de Educação*, Jan/Fev/Mar/Abr 2002, Nº 19. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 de mai. 2026.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**/Franco Cambi; tradução de Álvaro Lorencini. – São Paulo: Fundação Editora UNESP (FEU). 1999 – Encyclopaideia).

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**/Joel Candau: tradução Maria Letícia Ferreira – 1. ed., 9ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2023.

CHARLOT, B. A Pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n.31, p.7-18, jan./abr. 2006. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/WM3zS7XkRpgwKWQpNZCZY8d/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 de mai. 2026.

DE BENEDICTIS, Nerêida Maria Santos Mafra *et all*. Memória social e educação: aproximações teórico-metodológicas como campo de conhecimento para pesquisas científicas. **PARADIGMA**, Maracay, v. XLVII, n. 1, e2026020, Ene./Jun. 2026.
<https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2026.e2026020.id1757>. Acesso em: 26 de jan. 2026.

DURKHEIM, Émile, 1858-1917. **Educação e Sociologia**. Émile Durkheim: tradução de Stephania Matousek. – 5. ed. – Petrópolis, RJ; Vozes, 2014 – (Coleção Textos Fundantes de Educação).

FIALHO, Lia Machado Fiuza *et al*. O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2020. Disponível em:
<https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3505/2954>. Acesso em: 02 abr. 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa** / Uwe Flick; tradução Joice Elias Costa. – 3. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

GATTI, Bernadete Angelina. A pesquisa na pós-graduação e seus impactos na educação. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente, SP, ano XIV, v. 15, n. 16, p. 35-49, jan./dez. 2008. Disponível em:
<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/175/245>. Acesso em: 22 de mai. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**/Antonio Carlos Gil. – 7. ed. – [4ª Reimp.] -São Paulo: Atlas, 2024.

GONDAR, Jo; DODEBEI, Vera (Orgs.). O que é memória social? Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

HALBWACHS, Maurice, 1877-1945. **A memória coletiva**/Maurice Halbwachs; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro. 2ª edição, 2003, reimpressão 2006.

MEDEIROS, Shirlene Santos Mafra. **Memórias e identidade social da formação docente em Rio de Contas- BA, nas décadas de 1920 a 1960**: reminiscências das educadoras e educadores de cátedra à universidade. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016. Disponível em: <https://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2017/06/Tese-Shirlene-Santos-Mafra.pdf>. Acesso em 22 de mai. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. O desafio da pesquisa social: Ciência e cientificidade. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** / Minayo, Maria Cecília de Sousa (Org.); Suely FERREIRA Deslandes; Romeu Gomes. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. (Série Manuais Acadêmicos).

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história**: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aunkhour. Proj. História. São Paulo (10), 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 14 abril de 2021.

NÓVOA, Antônio. **Profissão professor**. Apoio Editorial: Manuel Figueiredo Ferreira. Tradutores: Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luísa Santos Gil. 2ª ed. Portugal. Editora: Porto Editora, 1999 (Coleção Ciência da Educação).

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias de vida. In: NÓVOA, Antônio (org). **Vida de professores**. Orientado por Maria Teresa Estrela e Albano Estrela. 2ª ed. Portugal. Editora: Porto Editora, 2007 (Coleção Ciência da Educação).

OLIVEIRA, Lucilene Simone Felipe; GIORDAN, Miriane Zanetti; CORDEIRO, Aliciene Fusca Machado. Afetividade, diálogo e burocracias: o que constitui o trabalho docente segundo professores da educação básica?. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 11, e16612, 2026. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/e16612>. Acesso em 23 de mai.2026.

RICOEUR, Paul, 1913. **Tempo e narrativa** (tomo 1) / Paul Ricoeur: tradução Constança Marcondes César – Campinas, SP: Papirus, 1994.

RICOEUR, Paul. 1913. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SCHIMMELPFENG, Pedro; ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira de; PARENTE, Rafael de Carvalho Pullen; BRITO, Renato de Oliveira. Do conflito ao compromisso: como a resiliência

conecta a satisfação no trabalho e a permanência docente. **Educação & Formação**, Fortaleza, v.11, e16184, 2026. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/e16184>. Acesso em 23 de mai. 2026.

SEBE, José Carlos, 1943 – **Memória e narrativa: história oral aplicada**/José Carlos Sebe B. Meihy e Leandro Seawright. – São Paulo: Contexto, 2020.

SILVA, João Carlos da. Interfaces entre memória e história da educação. **Temas & Matizes**, Cascavel, v. 17, n. 29. Especial2023. *Ahead of Print*. Pró-reitoria de Graduação da Unioeste. Pró-reitoria de Graduação da Unioeste. ISSN: 1981-4682. DOI: 10.48075/rtm.v17i29.31809. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/31809/22535>. Acesso em: 02 fev. 2026.

SOARES, Sebastião Silva, GUIMARÃES, Selva. **Memória, identidade e docência**: recordações-referência de professores iniciantes na educação superior. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 37, e75550, 2021. DOSSIÊ - A dimensão biográfica como processo de formação e de compreensão de si e do mundo. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.75550>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/download/75550/43519/320113>. Acesso em: 23 de mai. 2026.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TARDIF, Maurice. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas/Maurice Tardif, Claude Lessard: tradução de João Batista Kreuch. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 8ª reimpressão, 2022.